

# O IMAGINÁRIO LINGUÍSTICO CONTEMPORÂNEO NO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO NACIONAL FRANCÊS

*Thereza Maria Zavarese Soares (IFSP)*  
[tmzs@ig.com.br](mailto:tmzs@ig.com.br)

## ***1. Introdução***

Começemos por analisar uma cena bastante conhecida como aquela em que uma celebridade ou autoridade política estrangeira, em visita a outro país, pronuncia poucas palavras no idioma local a fim de fazer uma saudação ou um agradecimento, e esse gesto é suficiente para suscitar a simpatia do público anfitrião. Então, por que é tão significativo ouvir a língua nacional na voz de um cidadão estrangeiro, cujo sotaque, marca de sua origem, torna ainda mais sensível a distância percorrida por quem chega?

Se pensarmos nas situações que não envolvem gente de vida pública, mas pessoas comuns, anônimas, que partem para outros territórios em busca de conhecimentos ou de trabalho, ou que se veem compelidas por perseguições ou privações a deixar seus países, o idioma também é capaz de aproximar o que as fronteiras e as identidades separam sem necessariamente afastar?

Para responder a essas perguntas, é preciso entender como é construída e constituída a imagem da língua no interior de uma comunidade nacional, a fim de se estimar o seu valor enquanto parte do patrimônio cultural da nação.

Destarte, partindo do entendimento de nação como comunidade imaginada (ANDERSON, 2008), comunidade essa construída por cidadãos, cuja cidadania, que se define por direitos e deveres expressos em lei, prevê instituições políticas que asseguram a ordem e a unidade nacional (SCHNAPPER, 2003), podemos afirmar que a língua inclui-se entre essas instituições, uma vez que é objeto de políticas de Estado, cujo fim, mais do que normatizar os seus usos, é instrumentalizar as políticas de imigração pela reificação da nacionalidade, que pode ser mensurada pelo conhecimento linguístico. Tal afirmação é, sobretudo, pertinente quando se trata da língua na cena política da França desde a Idade Média. Mas podemos citar aqui um exemplo recente: a criação, em outubro de 2011, de um dispositivo legal para certificação do ensino e da avaliação do idioma francês destinados a imigrantes estrangeiros, adultos e não

francófonos, que vêm se instalar de maneira regular e permanente em território francês. Tal certificação, que recebeu o nome de *Français langue d'intégration* (Francês língua de integração ou FLI), destaca a importância da língua no processo de integração social com vistas à naturalização de imigrantes, evidenciando, portanto, uma ação política que visa antes ao controle das condições de acesso à nacionalidade que ao controle dos usos linguísticos, pois a prescrição de parâmetros mínimos para esses usos está implicada entre aquelas condições, mas por si só não é suficiente para assegurar o direito à naturalização, se não servir à difusão dos costumes e valores da sociedade francesa, como determinam os termos do decreto que institui essa certificação:

É criado um certificado de qualidade “Francês língua de integração” a fim de reconhecer e de promover os organismos de formação cuja oferta visa, para públicos adultos imigrados dos quais o francês não é a língua materna, à aprendizagem da língua francesa assim como dos usos, dos princípios e dos valores necessários à integração na sociedade francesa. O ensino da língua privilegia a forma oral e a leitura.<sup>179</sup> (Tradução nossa)

A partir disso, podemos concluir, com vários estudiosos do conceito de nação (ANDERSON, 2008; HOBBSAWM, 1990; THIESSE, 2001), que a língua é uma importante ferramenta para a construção desse conceito como também é um de seus constituintes conceituais, encarnando, a cada enunciação, o imaginário nacional e inspirando a adesão a essa comunidade imaginada, cuja imagem, que, desde suas origens, apresenta contornos imprecisos, não se revela mais clara quando exposta à luz das mudanças engendradas pelo processo de globalização. No caso particular da França, essa falta de clareza se evidenciou na proposta de um grande debate público por meio de um fórum eletrônico (via internet) promovido por uma das esferas ministeriais do governo francês em 2009, após uma série de eventos que questionavam a ideia de integração, a qual sucedeu à de assimilação em voga até a reforma do código de nacionalidade implementada nos anos de 1970.

---

<sup>179</sup> No original: Il est créé un label qualité «Français langue d'intégration» afin de reconnaître et de promouvoir les organismes de formation dont l'offre vise, pour des publics adultes immigrés dont le français n'est pas la langue maternelle, l'apprentissage de la langue française ainsi que des usages, des principes et des valeurs nécessaires à l'intégration dans la société française. L'enseignement de la langue privilégie la forme orale et la lecture. <<http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000024659119&dateTexte=&categorieLien=id>>. Acesso em: 31-12-2011)

Diante dessas informações, uma pergunta, em especial, se fez premente para o nosso estudo: Que imagens da língua francesa integram o imaginário nacional francês contemporâneo por ocasião do grande debate sobre a identidade nacional promovido, entre os anos de 2009 e 2010, pelo então Ministério da Imigração, da Integração, da Identidade Nacional e do Desenvolvimento Solidário?

Assim, esse debate inspirou a constituição do *corpus* da pesquisa que aqui se apresenta, cuja análise empregou o instrumental teórico da Análise do Discurso de base pragmático-enunciativa (MAINGUENEAU, 1993; 1995; 1996; 2002), que possibilitou o desenvolvimento de um estudo *transdisciplinar* pelo diálogo que se estabeleceu com diversas disciplinas da área das ciências humanas, a fim de melhor compreender o processo de construção do imaginário nacional, uma vez que tal processo se constrói através das disciplinas, atravessando-as.

Dentre as contribuições deste estudo, ressaltamos a importância, para professores e estudantes de línguas estrangeiras, de se compreender como a língua inspira em seus usuários o sentimento de pertencimento que legitima a inclusão social e a cidadania, pois isso implica um ensino integrador porque deve ser agregador de valores humanos universais, dentre os quais se destaca o respeito pelo outro e por sua identidade, que é, ao mesmo tempo, singular e plural (singular, porque deve manter a unidade do ser, e plural, porque deve ser fluida para proporcionar a adaptabilidade necessária ao convívio social).

## 2. Alguns resultados

A partir da análise de oitenta enunciados recolhidos do fórum eletrônico veiculado pelo sítio <http://www.debatidentitenationale.fr/>, vinculado ao Ministério da Imigração, da Integração, da Identidade Nacional e do Desenvolvimento Solidário, observou-se a construção de um *continuum* de imagens discursivas da língua e da nação francesa, cujos extremos identificam-se a dois posicionamentos antagônicos, que constituem duas identidades discursivas, no sentido de lugares de enunciação que devem ser especificados “em função dos tipos de discurso” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 393), ou seja, relacionados a setores de atividade social e, por conseguinte, correlatos de um conjunto de valores culturais, a saber: um posicionamento (de assimilação cultural) que corresponde às ideias defendidas por partidos políticos franceses de centro, de direita e de extrema direita; e outro posicionamento (de integração

social) que corresponde ao ideário político dos partidos franceses de esquerda.

Esses posicionamentos supõem a sua repetição, que os fazem se estender no tempo e constituir uma “memória polêmica” (MAINGUENEAU, 1993b, p. 124). Essa memória instaura uma tradição, um referencial comum aos pontos de vista adversários, em relação ao qual os enunciadores se posicionam, permitindo a esses assumir a função de porta-vozes do senso comum, ou seja, de um ponto de vista coletivo. É nesse referencial comum, entendido como um terceiro “que assume as normas subjacentes ao debate” (MAINGUENEAU, 2010, p. 192), que estão inscritos os sentidos de assimilação e de integração, cuja distinção, ainda que pareça artificial, continua a se exprimir verbalmente, a significar valores e a construir imagens que podem ser resumidas nos seguintes termos:

- A *assimilação* é o objetivo final de *certo* processo de integração, fundado na vontade do imigrado em reduzir todas as suas diferenças, o que, em não acontecendo, pode caracterizar uma falha do processo ou uma falta de vontade de integração por parte do indivíduo, visto que as políticas (públicas ou privadas) visam apenas a facilitar o processo, sem qualquer implicação de responsabilidade do Estado ou da sociedade de acolhida quanto a faltas ou falhas.
- Já a *integração* é um processo lento de mestiçagem, que caracteriza a situação de certos imigrantes. Inspirado nos princípios de participação e esforço coletivos e de respeito à unidade e à diversidade da nação, esse processo se exprime e se realiza por meio de tradições históricas e de práticas políticas e administrativas.

### 3. *Discussão dos resultados*

Segundo o cientista político Thierry Leterre (2010, p. 31), há, na França, “duas tradições” no que diz respeito à nação e à diversidade: a primeira é a do republicanismo francês, que preconiza o princípio da razão universal como fundamento da igualdade que congrega os homens; e a segunda é a do nacionalismo, que se fundamenta na ideia de um sentimento nacional imediato, necessário à convivência. No entanto, o segundo elemento dessa dicotomia dá origem a outra tradição, que explica esse sentimento como um traço hereditário ou como um ato voluntário.

Todavia, a realidade mostra-se avessa ao maniqueísmo, como argumenta Schnapper (2003). Segundo a autora, a nação:

[...] não é somente transcendência pela sociedade política abstrata, mas também realidade social, concretamente inscrita no tempo e no espaço. [...] Toda construção nacional se elabora a partir de elementos étnicos, que as instituições propriamente nacionais se aplicam posteriormente em reforçar.<sup>180</sup> (p.118-119, tradução nossa)

Esse argumento ratifica a ideia de que a nação integradora se quer universalista e humanista, enquanto a razão se exprime como testemunho de um enunciador imigrado ou que já experimentou a condição de estrangeiro. Assim, por esse relato de experiência, é possível conciliar a razão universal e a necessidade afetiva de identificação que advém das relações sociais. Já a nação assimiladora e assimilada a um enunciador nacionalista se quer cívico-etnocentrista, porque é inspirada pelo apego ao particular, isto é, ao que lhe é próprio, circunscrevendo o que pertence ao indivíduo e ao que o indivíduo pertence. Destarte, podemos dizer que o imaginário francês contemporâneo é um *continuum* que atravessa e carrega a história nacional, formando quimeras conceituais, ou seja, imagens que misturam valores preconizados em diferentes contextos, adaptando-os ao presente.

De todo modo, mesmo conforme a visão mais integradora, aquela que se quer mais universal e humanista, segundo a qual todos pertencem à comunidade global assim como ela lhes pertence enquanto patrimônio da humanidade, a identificação é sempre contrastante, e o elogio da igualdade só se faz necessário porque existe diferença, tornando a assimilação enquanto uniformização impossível por princípio. Em outras palavras, só há identidade porque há alteridade. Por conseguinte, como não se pode ignorar nem apagar a diversidade humana, essa é controlada pelas relações de poder entre os grupos de iguais, que acabam hierarquizando as diferenças, distribuindo-as numa escala de maior ou menor integração. Por fim, a diversidade é desfigurada, visto que é transformada em desigualdade, a fim de legitimar a dominação de uns pelos outros.

Seja como a diversidade na unidade ou como a unidade na diversidade, a ideia de nação pressupõe um todo unido e heterogêneo. O que distingue esses dois pontos de vista é o modo como cada um concilia di-

---

<sup>180</sup> No original: [...] n'est pas seulement transcendance par la société politique abstraite, mais aussi réalité sociale, concrètement inscrite dans le temps et l'espace. [...] Toute construction nationale s'élabore à partir d'éléments ethniques, que les institutions proprement nationales s'appliquent ensuite à renforcer.

versidade e unidade, priorizando um desses aspectos: ou a diversidade nacional supera os comunitarismos unindo as diferenças na universalidade do princípio de cidadania, ou a unidade nacional reduz a diversidade como condição para a aplicação universal do princípio de cidadania. Embora observemos a divergência entre essas duas perspectivas, podemos verificar outro ponto comum entre elas, já que, para ambas, é a universalidade do princípio de cidadania que iguala os homens tornando-os cidadãos, seja para integrá-los ou para assimilá-los à nação.

Daí, reafirmarmos a importância de se fazer observar no ensino de francês, como de qualquer língua estrangeira, o valor da língua na identificação do Outro e na identificação do aprendiz, que, por sua aprendizagem, busca integrar-se à comunidade linguística a fim de vivenciar e compartilhar culturas – aprendizagem que só se realiza plenamente no respeito à condição humana e cidadã de todos os indivíduos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

*GRAND débat sur l'identité nationale*. Disponível em: <<http://www.debatidentitenationale.fr/>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

*HAUT conseil à l'intégration*. Disponível em: <<http://www.hci.gouv.fr/>>. Acesso em: 1 dez. 2011.

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

*LEGIFRANCE. Le service public de la diffusion du droit*. Disponível em: <<http://www.legifrance.gouv.fr/>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

LETERRE, Thierry. Une identité nationale au pluriel? *Regards sur l'actualité: l'identité nationale en débat*, Paris: La documentation Fran-

çaise, 358, fevereiro 2010, p. 25.

MAINGUENEAU, Dominique. *Éléments de linguistique pour le texte littéraire*. Paris: Dunod, 1993a.

\_\_\_\_\_. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1993b.

\_\_\_\_\_. *L'énonciation en linguistique française*. Paris: Hachette, 1994.

\_\_\_\_\_. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

MINISTÈRE de l'Immigration, de l'Intégration, de l'Identité Nationale et du Développement Solidaire. Disponível em:

<<http://immigration.gouv.br>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 1999.

REIS, Rossana Rocha. Políticas de nacionalidade e políticas de imigração na França. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online], São Paulo, v. 14, n. 39, p. 118-138, fev. 1999. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v14n39/1725.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2008.

SCHNAPPER, Dominique. La notion d'identité nationale: quelles significations? *Cahiers français*, Paris: La documentation Française, 342, janeiro-fevereiro 2008, p. 3.

\_\_\_\_\_. *La communauté des citoyens: sur l'idée moderne de nation*. Paris: Gallimard, 2003.

THIESSE, Anne-Marie. *La création des identités nationales: Europe XVIIIe-XIXe siècle*. Paris: Seuil, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *Nous et les autres: la réflexion française sur la diversité humaine*. Paris: Seuil, 1989.